

Desbravadores do cerrado

Homens e mulheres, vindos de todo país, possuem histórias de luta, fé, dedicação e coragem. Cada um, à sua maneira, ajudou a construir esta nova cidade no Planalto Central

De Tabira para a terra prometida

DANIELLE ROMANI

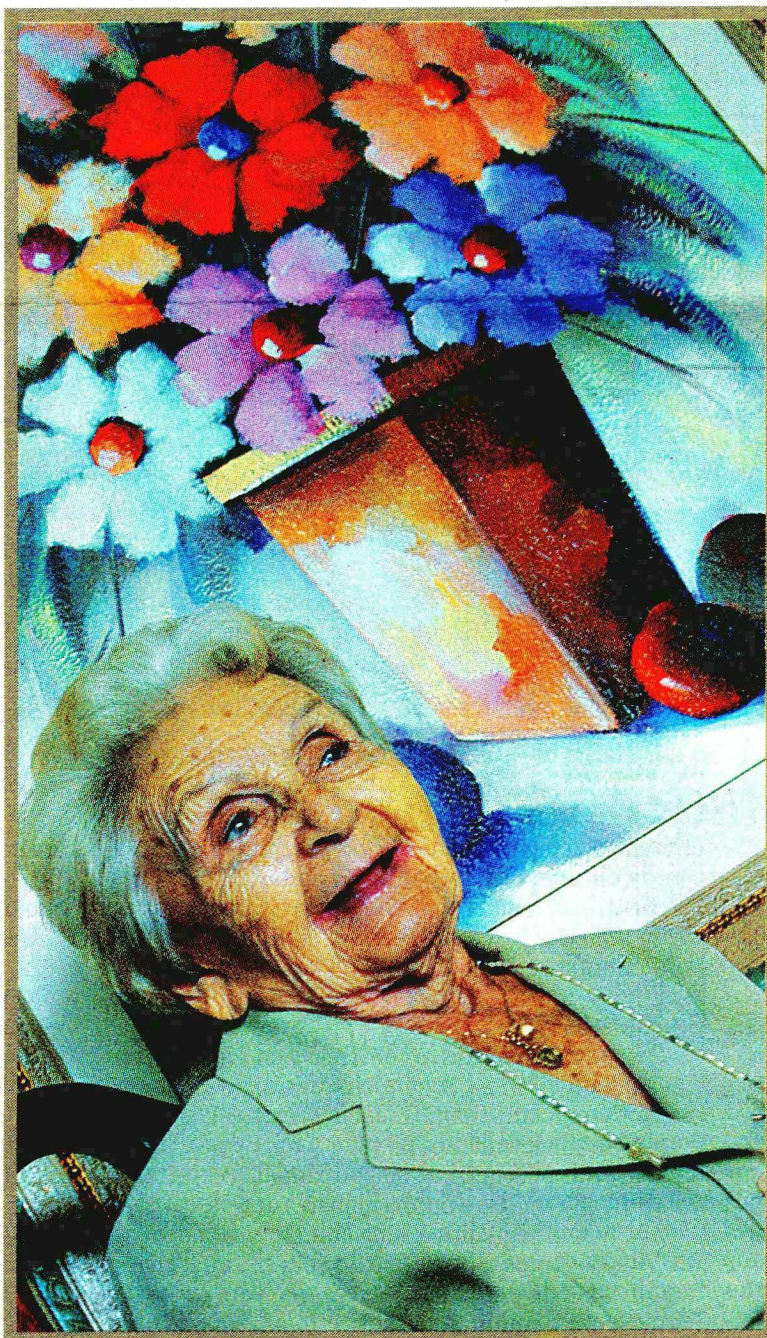
DA EQUIPE DO CORREIO

Dona Ester Barbosa de Azevedo, 81 anos, tem um olhar suave, traços doces e jeitinho meigo. Quem a vê, jamais pode imaginar que por trás da aparente fragilidade se esconde uma verdadeira “guerreira”. Em 1959, morava em Tabira, sertão de Pernambuco, mas sonhava em ganhar mundo. Dona de um restaurante, era casada e já tinha tido os seis filhos. Dois deles adultos, morando fora do Estado. Mas não pensou duas vezes quando, no ano de 1959, um “cumpadre”, recém-chegado do Distrito Federal, lhe ofereceu carona até Brasília.

“Ele tinha ido buscar a família. E me falou: uma pessoa como a senhora, se for com a gente para Brasília, se faz na vida”. Exatas 24 horas depois do convite dona Ester, à época com 36 anos, arrumou um lugar para deixar os quatro filhos, vendeu os poucos porcos e galinhas que possuía, e embarcou rumo ao Planalto Central. Ao todo, foram 20 dias de viagem na carroceira de um caminhão lotado de nordestinos. Cerca de 30 pessoas, entre homens, mulheres e meninos. Ousada, dona Ester partiu sem saber o que ia encontrar. Mas como as autênticas “mocinhas” de romances, sua história teria mais do que um final feliz.

Logo ao chegar, descobriu que a filha, que morava em Minas, tinha acabado de se mudar para o Núcleo Bandeirante. “Saltei do caminhão e um amigo da família, que já se encontrava aqui, veio e disse: sua filha Rita está na cidade! Me levaram até a casa dela e foi uma alegria. Fiquei hospedada lá”, recorda a matriarca da família Barbosa Azevedo, que contabiliza seis filhos, 16 netos, 21 bisnetos e 1 tataraneto,

Sebastião Pedra/Especial para o CB



DONA ESTER LARGOU O SERTÃO DE PERNAMBUCO ATRÁS DE UMA VIDA MELHOR

todos, com exceção dos filhos pernambucanos, nascidos no Distrito Federal.

Boa de tempero, dona Ester foi trabalhar como cozinheira em residências do Plano Piloto. Depois foi contratada pelo Grande Hotel Aquilino. A amizade com os hóspedes do estabelecimento lhe rendeu o primeiro negócio próprio na Cidade Livre.

“Conheci um senhor que era dono de um quiosque. Aluguei e fiquei trabalhando no meio da rua, na avenida central, num balão que tinha em frente ao mercado”, lembra dona Ester. O cheiro irresistível da sua comida começou a atrair os pedestres. “Deus me deu um dom para cozinhar”, gaba-se.

Fatalidade

Meses depois de instalada na avenida, uma fatalidade que a ajudaria. À época, Padre Roque envolveu-se numa batida de carro na frente do quiosque de Ester, e culpou o fato à falta de visibilidade, provocada pelos sete quiosques instalados. Dona Ester e os outros comerciantes foram, então, transferidos para o mercado. Lá, nasceria o Restaurante Bandeirante, em frente a um ponto de ônibus. O restaurante vivia lotado.

Nesta época, os filhos já tinham sido trazidos para o Núcleo Bandeirante. Como verdadeira mulher de negócios, dona Ester resolveu ampliar as possibilidades. Comprou um taxi e botou um motorista para trabalhar. “Sempre fui independente e não queria saber desse negócio de ficar atrás de homem.” Seu ex-marido tentou movê-la da ideia de se mudar de Tabira e até veio atrás dela em Brasília. Mas rapidamente voltou para o sertão de Pernambuco.

Com o dinheiro ganho nos negócios, dona Ester criou todos os filhos, comprou duas casas – uma cedida à filha e outra na avenida central, onde mora – e fez um bom pé-de-meia. Quando completou 63 anos, decidiu se aposentar para criar os netos e bisnetos. Voltar para Tabira? Nem pensar! “Desde que saí de Pernambuco só voltei duas vezes. Não sinto saudades. Aqui é meu lar”.

O sucessor do Padre Roque

Padre Rubens Vargas Trindade, 78 anos bem vividos, herdou uma tarefa que poucos se atreveriam a encarar: é o vigário que ficou no lugar do capixaba Roque Vagliatti Batista, mais conhecido como Padre Roque, primeiro e maior líder espiritual da Cidade Livre.

Morador do Núcleo Bandeirantes desde 1961, quando não está envolvido com cerimônias e missas, padre Rubens pode ser encontrado perambulando pela cidade. Ora no Mercado do Núcleo Bandeirantes, conversando com os fregueses do bar mais apreciado pelos pioneiros – o bar do Maninho –, ora na Feira Permanente, ora numa das avenidas principais.

“Eu e Roque fomos amigos, companheiros, ele era uma pessoa energética, mas muito caridosa e trabalhadora. Adorado pela comunidade inteira”, diz o fluminenses Rubens, que pode ser visto sempre engatando uma prosa e fazendo graça com os paroquianos. “Dizem que quem nasce no Rio é fluminense. Mentira, sou vascaíno”, diverte-se o religioso.

Sua história confunde-se com a do próprio Padre pioneiro. “Roque veio para cá em 1956. Em 1957 foi fundada a paróquia. Ele ficou nela até morrer”. Segundo padre Rubens, o seu amigo e líder espiritual foi o primeiro pároco a chegar no DF. “Ele rezou missa em

Paulo H. Carvalho/CB



SIMPÁTICO, SEMPRE BEM-HUMORADO, RUBENS VARGAS TRINDADE É O ATUAL PASTOR E LÍDER ESPIRITUAL DA COMUNIDADE

todo o lugar do Distrito Federal que você possa imaginar.”

Rubens também recorda as peripécias do amigo, para reformar a igreja, erguida em madeira, e transformá-la em uma construção definitiva, em alvenaria. “Se você não encontrasse ele na igreja, ia encontrar nas ruas, com sacolas nas mãos para distribuir comida aos pobres. Enquanto os operários trabalhavam, ele conferia as marmitas para ver se tinha comida suficiente. Quando não ti-

nha, botava uns pedaços de bife escondido”.

Jovem, Rubens era companheiro inseparável do padre capixaba. “Pegávamos as tábuas nas costas para erguer a igreja. Durante anos ele dormiu num sofá no fundo da paróquia. Organizávamos as quermesses para arrecadar fundos, era sempre uma festa atrás da outra. E acredite: eram muitos os senadores e deputados que vinham nos prestigiar”, recorda o sucessor do Padre Roque.

Sebastião Pedra/Especial para o CB

Nas matinês do Clube Colombo

Paixão. É o mínimo que se pode dizer do sentimento do funcionário público Artur Timbó Holanda, 46 anos, pelas ruas, becos, quadras e avenidas do Núcleo Bandeirantes. “Conheço todos os buracos desta cidade, não troco isto aqui por nada”, conta o nordestino candango que chegou à Cidade Livre a bordo de um pau-de-arara, acompanhando pais, mãe e irmãos, quando tinha apenas um mês de nascido. “Foram 15 dias e 15 noites de viagem direto do Ceará até o Distrito Federal”, conta Artur.

A recompensa veio rápida. Em poucos anos, José Holanda e Jacira Timbó Holanda, pai e mãe de Artur, montaram um armazém, que funcionava também como hospedagem. “Era o Armazém Maringá, ele ficava na Terceira Avenida. Tudo que era pau-de-arara que chegava aqui ia para lá”, lembra o então garoto, que ressaltava: além destas atividades, o pai também fornecia energia para os moradores da área. “Chegou a iluminar uma rua”.



ARTUR CHEGOU À CIDADE AINDA BEBÊ, DEPOIS DE VIAJAR 15 DIAS NUM PAU-DE-ARARA

Sua infância, adolescência e maturidade se passaram, todas, no Núcleo Bandeirante. “Quando eu tinha 16 e 17 anos a festa era total. Aqui tinha dois cinemas, o

louco de perder uma missa”, recorda Artur, que lamenta o fato da vida noturna na cidade estar em baixa. “Atualmente a questão do lazer deixa muito a desejar”.

Bandeirante e o Brasília. Na adolescência, fomos aos bailes do Clube Colombo e do Ginásio Brasiliense. Elas eram animadas pelas banda Matuskela e Super Som 2000. E apesar da paquera correr solta, e das festas serem regadas a cuba libre, os embalos iam até, no máximo, meia noite”, diz.

Essa programação, obviamente, só acontecia depois das missas assistidas na igreja do Padre Roque, que eram o programa número um da moçada local. “Ninguém estava